



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CDUC
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

AYANNE LARISSA ALMEIDA DE SOUZA

A INFLUÊNCIA ESTOICA NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

**CAMPINA GRANDE
2021**

AYANNE LARISSA ALMEIDA DE SOUZA

A INFLUÊNCIA ESTOICA NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Ética e Política

Orientador: Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira.

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729i Souza, Ayanne Larissa Almeida de.
A influência estoica na filosofia de Arthur Schopenhauer
[manuscrito] / Ayanne Larissa Almeida de Souza. - 2021.
20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira,
Departamento de Filosofia - CEDUC."
1. Ética. 2. Estoicismo. 3. Eudemonologia. I. Título
21. ed. CDD 193

AYANNE LARISSA ALMEIDA DE SOUZA

A INFLUÊNCIA ESTOICA NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Área de concentração: Ética e Política.

Aprovada em: 14/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Gilmaria Coutinho Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Arthur Leandro da Silva Marinho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rafael Ramos Cioquetta
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“A vida do Homem oscila, como uma pêndula, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos. Os homens tiveram que exprimir esta ideia de um modo singular; depois de haverem feito do inferno o lugar de todos os tormentos e de todos os sofrimentos, que ficou para o céu? Justamente o aborrecimento.”

Arthur Schopenhauer

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MVR Mundo Vontade e como Representação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DO JARDIM DE EPICURO À ESTOÁ	8
3	OS “INDIFERENTES” – O IDEAL DE IMPERTURBALIDADE EM ARTHUR SCHOPENHAUER	10
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	19

A INFLUÊNCIA ESTOICA NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER
THE STOIC INFLUENCE ON THE PHILOSOPHY OF ARTHUR SCHOPENHAUER

Ayanne Larissa Almeida de Souza*

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a influência do pensamento estoico, mais especificamente a proposta ética estoico, no pensamento eudemonológico de Arthur Schopenhauer. Para isso, investigamos as obras *O Mundo como Vontade e como Representação* (MVR) e *Aforismos para uma sabedoria de vida*, analisando os parágrafos §55 e §58, que dizem respeito à ética schopenhauriana e de que maneira o filósofo elogia o pensamento estoico e absorve em sua eudemonologia algumas nuances da mencionada corrente filosófica helenística.

Palavras-chave: Ética. Estoicismo. Eudemonologia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the influence of Stoic thought, more specifically the Stoic ethical proposal, on Arthur Schopenhauer's eudemonological thought. For this, we investigate the works *The World as Will and as Representation* (MVR) and *Aphorisms for a wisdom of life*, analyzing paragraphs §55 and §58, which relate to Schopenhaurian ethics and how the philosopher praises Stoic and it absorbs in its eudemonology some nuances of the mentioned Hellenistic philosophical current.

Keywords: Ethic. Stoicism. Eudemonology.

*Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ayanne.almeida@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A filosofia de Arthur Schopenhauer, filósofo do Idealismo alemão, é comumente relacionada à ideia de um pessimismo existencial por ser associada, muitas vezes, à ideia de uma falta de sentido da existência e até mesmo de suicídio. Essa característica sustenta-se basicamente sobre a proposta eudomonológica schopenhauriana, cuja ideia central encontra-se na afirmação de que não somos simplesmente seres racionais que buscam conhecer e compreender o mundo, mas também que somos seres desejosos que se esforçam para obter coisas do mundo.

Nesse sentido, por trás de cada esforço existe uma dolorosa falta de algo, a necessidade de alguma coisa que estaria ausente, isso é o que afirma Schopenhauer. Mas obter tal coisa desejada raramente nos deixa felizes, segundo o próprio filósofo, pois, mesmo que consigamos satisfazer um desejo, sempre há vários outros quereres insatisfeitos prontos para tomar o lugar do anterior. Logo que um desejo é satisfeito, de imediato criamos uma nova necessidade à qual desejamos também ver satisfeita. Tal relação de desejo e imediata satisfação desemboca em um sentimento de tédio quando essa necessidade é alcançada.

Nessa perspectiva, ficamos entediados ao tomarmos consciência de que uma vida sem nada a desejar é monótona e vazia. Se tivermos a sorte de satisfazer nossas necessidades básicas, como fome e sede, então, para escapar ao tédio, desenvolvemos novas necessidades de outros itens não tão básicos assim, como a obtenção de artigos luxo, o vício do álcool ou de outras drogas, como o tabaco, a necessidade de vestir-se com roupas da moda, até mesmo o desejo pela aquisição de conhecimento, no sentido do diletantismo, pode ser entendido enquanto um modo de suprir um vazio existencial. Contudo, em momento algum, diz Schopenhauer, chegamos à satisfação final e duradoura. Epicteto, filósofo estoico da terceira fase, dita romana, dizia:

Por outro lado, ao renunciar ao prazer e aos interesses pessoais, encontramos, como consequência, a felicidade. Os demais indivíduos permanecem imersos em uma constante inquietude e na infelicidade porque aspiram apaixonadamente adquirir das coisas que não possuem a certeza de obter o que, finalmente, termina por lhes escapar, ainda que somente seja porque, em última instância, estão sujeitos a uma condição mortal. (Tradução nossa)¹ (EPICTETO, II, pp.68-69)

Dessa conclusão, surge uma das máximas mais bem conhecidas de Schopenhauer: "a vida oscila para frente e para trás como um pêndulo entre a dor e o tédio" (MVR, §57, p.402). A dor é, para Schopenhauer, a substância absoluta da existência, a raiz pela qual tudo cresce. Vivemos na dor e temos tão somente alguns parcos instantes de prazer. Para Schopenhauer, a falta de finalidade da natureza é insuportável. O humano, por ser a forma de vida mais complexa e bem acabada, tem acesso a todo sem-sentido da existência. Não vale a pena viver porque uma vontade satisfeita rapidamente se torna tédio e é substituída por outra vontade.

Schopenhauer foi um ávido estudioso da filosofia clássica indiana e ele sabia que não havia sido o primeiro a observar que o sofrimento é essencial para a vida. Na própria filosofia budista há uma palavra para esse sofrimento, *dukkha*, que é

¹"Por otra parte, al renunciar al placer y al interés uno encuentra, por añadidura, la felicidad. Los demás hombres permanecen inmersos en una constante inquietud y en la infelicidad porque aspiran apasionadamente a la adquisición de cosas que no tienen la certeza de obtener o que, finalmente, se les escapan, aunque sólo sea porque, en última instancia, están sujetos a la condición mortal."

reconhecida na primeira de suas *Quatro Nobres Verdades*. A essência do mundo é a vontade insaciável, a natureza é, inconscientemente, desejo sem objetivo ou descanso, sendo, pois, a essência do humano o querer, padece de um desejar inextinguível. Para o filósofo, a existência é necessidade e dor. Se a necessidade é satisfeita, então experimentamos a saciedade e um momento de felicidade, mas logo advém o tédio e a ânsia pela realização de um novo desejo. Sendo assim, segundo Schopenhauer, a vida humana oscila como um pêndulo.

Mas haveria um meio de se libertar dessa cadeia aparentemente sem saída? Para Schopenhauer, o caminho que libertaria o indivíduo do sofrimento da experiência existencial de satisfação/tédio encontra-se na ideia de auto-negação destinada a mortificar a vontade, em direção a uma apatia ainda mais radical do que a estoica, uma vez que diz não a todo querer que se apresenta ao tentarmos construir um estado de estabilidade e serenidade que ele denomina de *serenidade*, mas que, em uma transliteração mais aproximada do que o filósofo pretendeu dizer, Jair Barboza (2008, p.123) chama de *jovialidade do ânimo*. Em suma, no pensamento de Schopenhauer, somente podemos nos libertar da dor e do tédio e nos subtrair ao ciclo infinito das necessidades mediante uma negação da vontade.

Nesse ponto da filosofia de Arthur Schopenhauer, podemos identificar elementos em que ecoam as filosofias helenísticas, especificamente o pensamento estoico primevo, original, poderíamos dizer, a chamada *Antiga Estoá*, tal como caracteriza Giovanni Reale (1997, p.279). Nossa proposta no presente trabalho é apresentar tais elementos que permitem identificar as nuances estoicas na filosofia schopenhauriana. Pretendemos analisar principalmente a obra *Aforismos para uma sabedoria de vida* e o MVR², especificamente os parágrafos §55 e 58 os quais remetem à proposta eudemonológica de Schopenhauer, investigando os pontos que o filósofo alemão absorve da filosofia estoica.

2 DO JARDIM DE EPICURO À ESTOÁ

O estoicismo é um pensamento que nasceu no século IV a.E.C.³, fundado principalmente por três filósofos, Zenão de Cício (ca. 333-263 A.E.C.), Cleanto de Assos (ca. 330-230 a.E.C.) e Crisipo de Solis (279-206 a.E.C.), em Atenas, tornando-se a mais importante escola filosófica helenística. Recebeu essa denominação em razão do lugar onde os afiliados encontravam-se, em um pórtico na ágora de Atenas, uma vez que Zenão não era ateniense, e como tal, não podia adquirir um edifício a fim de manter ali a sua escola. Como “pórtico”, ou “porta”, em grego, diz-se *estoá poikilé*, a nova escola passou a chamar-se “estoica”.

Mas o que é estoicismo? Quem foram os estoicos? O que faz alguém se tornar um estoico? Esta referida escola afirma o “primado da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como vida contemplativa acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. Seu ideal, portanto, de acordo com Sellars (2006) é de *ataraxia* ou apatia”. De um modo bastante simples, a filosofia estoica afirma a resiliência, a serenidade, a indiferença às paixões que fazem naturalmente parte da existência humana a fim de se alcançar o que eles denominavam de *ataraxia*, ou seja, um estado de serenidade em que seria possível vivenciar uma felicidade genuína.

Entretanto, o Estoicismo geralmente é mal compreendido. Para muitos, esse pensamento tornou-se sinônimo de falta de emoção, indiferença para com a

² A partir de agora usaremos a abreviação: MVR.

³ “Antes da era comum” em vez de Antes de Cristo preferível por não ser uma visão cristocêntrica.

existência, soando quase como uma passividade extrema em relação a tudo, ou um indivíduo que vê no sofrimento um modo de ser feliz, ou até mesmo um sujeito que aprecia sofrer, quase um masoquista. Os estoicos da época imperial romana, Sêneca e Epicteto, defendiam a doutrina de que o sábio é totalmente imune ao infortúnio e que a virtude é suficiente para a felicidade. A frase popular "calma estoica", ou salientar que uma pessoa sofre como um "estoico", talvez carregue essa tendência de tais reivindicações.

No que diz respeito à essência de seus ensinamentos, o Estoicismo é uma ferramenta na busca do autodomínio, da perseverança e sabedoria; uma ferramenta que podemos usar para viver uma vida plena. Conforme Reale (1997), os estoicos sustentavam que emoções como medo ou inveja (ou apegos sexuais, ou amor apaixonado por qualquer coisa) eram ou surgiam de falsos julgamentos, e que o sábio, uma pessoa que atingiu a perfeição moral e intelectual, não se submeteria a eles.

Assim como os epicuristas, os estoicos também renegavam a metafísica e qualquer forma de transcendência. Contudo, Zenão não aceitava as mesmas conclusões às quais chegara Epicuro no que dizia respeito à filosofia enquanto arte de viver. Os epicuristas haviam reduzido o mundo e os humanos a meros agrupamentos de átomos, herança da escola atomista, além de identificar o prazer humano com o Bem.

A história do Estoicismo geralmente divide-se em três períodos muito bem delimitados: o primeiro, diz respeito à *Antiga Estoá*, que vai do século IV e atravessa todo o século III a.E.C., e foi desenvolvida nas filosofias de Zenão, Cleanto e Crisipo, anteriormente citados; o segundo momento concerne ao denominado *Médio Estoá*, que se situa entre os séculos II e I a.E.C.; e o último período dito *Romano*, ou *Nova Estoá*, que se encontra já na era cristã, cuja doutrina caracteriza-se quase que puramente de meditação moral e assume contornos religiosos influenciada pelos "novos tempos". Para John Sellars (2006, p.10):

O estoicismo oferece uma visão distinta e desafiadora tanto do mundo como um todo quanto do ser humano individualmente. Ele concebe o mundo materialista e deterministicamente como um todo unificado, do qual todos somos partes. Apresenta o ser humano como um animal inteiramente racional, para quem as emoções violentas são, na verdade, produto de erros de raciocínio. No imaginário popular, ele agora está associado principalmente às ideias de calma sem emoção e resistência heroica diante da adversidade." (Tradução nossa)⁴

O Estoicismo seria a condenação total de todas as emoções e a exaltação da apatia como ideal do sábio. A figura do sábio como um ser imune às paixões mundanas foi importante para os estoicos porque eles consideravam a emulação do sábio e do bom como a melhor maneira de aprender filosofia. Crisipo contorna a figura do sábio como encarnando o cidadão por excelência (*Dos fins*, fr.41). Os primeiros estoicos, inicialmente, seguiram um estilo de vida simples e austero adotado anteriormente pelos filósofos cínicos, que exerceram uma influência importante sobre o Estoicismo.

⁴"Stoicism offers a distinctive and challenging view of both the world as a whole and the individual human being. It conceives the world materialistically and deterministically as a unified whole, of which we are all parts. It presents the human being as a thoroughly rational animal, for whom violent emotions are actually the product of errors in reasoning. In the popular imagination it is now mainly associated with the ideas of emotionless calm and heroic endurance in the face of adversity."

Como resultado, a reputação de autodomínio (*enkrateia*) dos estoicos, aparentemente tornou-se bastante lendária, e até mesmo proverbial; pessoas poderiam ser elogiadas ao terem sua autodisciplina comparada ao exemplo dado por Zenão, o fundador da escola do *Estoá*, tal como mostra Diógenes Laércio em suas *Vidas dos Filósofos Ilustres*: “Mais moderado que o filósofo Zênon” ou “E assim durante dez dias parecia que ele era mais moderado que Zênon” (Livro VII, §27, 1987, p.188). Os *Cínicos* eram conhecidos por suportar dificuldades físicas, e o próprio Zenão era certamente descrito como um filósofo endurecido pelos elementos da natureza.

O que podemos notar é que, como a imagem popular do Estoicismo captura, a filosofia estoica não é apenas uma série de afirmações sobre a natureza do mundo, ou o que podemos saber, ou o que está certo ou errado; é, acima de tudo, uma atitude ou estilo de vida. O Estoicismo envolve teorias filosóficas complexas em ontologia e ética, mas essas teorias estão situadas dentro de uma concepção muito particular do que é a filosofia.

Os estoicos apresentam a filosofia como preocupada principalmente em como se deve viver. Mas eles não eram os únicos a levantarem essa questão, pois o mesmo aplica-se ao Epicurismo e ao Cinismo, entre outros. Embora a influência do Estoicismo tenha diminuído a partir do século III da nossa era, o impacto filosófico que provocou pode ser encontrado até os dias atuais.

Para a nossa análise da influência do pensamento estoico na filosofia de Arthur Schopenhauer, não cabe aqui discutir a lógica e a física da *Estoá*. Voltar-nos-emos para a dimensão ética dessa escola a fim de buscar aí as nuances que identificamos no pensador alemão. De que maneira os estoicos pensam a ética e por que o conceito de *apatia*, comumente usado como sinônimo do termo *ataraxia*, tornou-se a principal característica dessa escola e de que maneira Schopenhauer recuperou essa nuance estoica quando pensou a negação da vontade como caminho para a libertação do sofrimento existencial.

3 OS INDIFERENTES E O IDEAL DE IMPERTURBABILIDADE EM ARTHUR SCHOPENHAUER

Conforme define Abbagnano (2007, p.87), *ataraxia*, termo usado por Demócrito (fr.191), mas também pelos epicuristas e pelos estoicos, designava “o ideal de imperturbabilidade ou da serenidade da alma, em decorrência do domínio sobre as paixões ou da extirpação dessas”. A *apatia*, trazida como essa ideia de serenidade da alma, pode ser entendida enquanto uma moderação em relação às necessidades e desejos humanos. Uma indiferença às emoções ou desprezo por elas. Tal insensibilidade não é, pois, algo natural, mas um ideal difícil de ser alcançado. Foi justamente nessa ideia que os estoicos encontraram a noção de felicidade.

A parte ética da filosofia estoica encontra-se dividida, segundo Diógenes Laércio (Livro VII, §84), em doutrina dos impulsos, do bem e do mal, das paixões, da excelência, do fim supremo, do valor mais alto, dos deveres, e da exortação e dissuasão em face da ação. Para os estoicos, o primeiro impulso do ser vivo é o da sobrevivência que lhe é dado desde o início pela própria natureza.

Segundo Arthur Schopenhauer, em MVR (Livro I, §21, 129), o corpo humano, bem como o das outras espécies animais, são estruturados para corresponder aos objetivos da vontade, nesse sentido, o corpo possui uma finalidade e, logo, uma teleologia, já que as partes do corpo necessitam responder às necessidades e às principais apelações da vontade, sendo uma expressão manifesta materialmente. Em

outras palavras, para o filósofo, o corpo material é a manifestação do próprio impulso para a sobrevivência, tal como afirmavam os estoicos.

A vontade schopenhauriana atua onde a Razão não se encontra, ali onde nenhum conhecimento a conduz. É um impulso cego e sem qualquer sentido cuja meta é apenas sobreviver e manter-se através da proliferação espécie. Os fins pelos quais atuam são totalmente desconhecidos. Conforme salienta o filósofo, as ações humanas estão aptas à uma reação levando em consideração o conhecimento externo; mas um conhecimento que, embora externo, é, no entanto, intrínseco a ele e o faz agir da maneira que age. Há um conhecimento, mas ele é desconhecido para a racionalidade humana: “Daí ser aqui necessário o movimento por motivo e, por isso, o conhecimento, que portanto aparece como um meio de ajuda, *μηχανη*, exigido nesse grau de objetivação da Vontade para conservação do indivíduo e propagação da espécie.” (SCHOPENHAUER, MVR, Livro I, §27, 179). Sendo assim, há uma identidade da vontade com o corpo.

Crisipo de Solis também afirma, em *Dos Fins*, que o primeiro bem de cada ser vivo é o próprio corpo físico e a consciência desse mesmo corpo, ou seja, a alma encontra-se atrelada ao corpo, de modo que, quando andamos, “a alma está nos pés” (fr.447). Essa mesma ideia coaduna-se com o pensamento de Schopenhauer sobre o conhecimento oculto presente na vontade que guia o corpo material, e ainda que o conhecimento da vontade possa ser elevado ao nível racional, e mesmo ser conceituado, ele não pode ser demonstrado, ou seja, tornar-se conhecimento mediato justamente por ser um conhecimento imediato.

Nesse sentido, uma vez que Schopenhauer concebe a essência de todas as coisas enquanto um impulso cego, a vontade, o filósofo analisa o uso prático da razão, efetuando uma crítica à filosofia de Kant, embora mantenha a divisão entre *númeno* e *fenômeno*, ou seja, tudo o que podemos conhecer encontra-se no âmbito fenomênico, enquanto a coisa-em-si permanece indecifrável através do uso da Razão. No entanto, é interessante salientarmos que Schopenhauer não nega à metafísica uma praticabilidade e uma necessidade.

A crítica que Schopenhauer tece à Razão prática de Kant advém justamente de que a Metafísica imanente não é capaz de alcançar a essência do mundo por meio da Razão pura, ou seja, de conceitos abstratos, já que estes não podem, por sua vez, transgredir as fronteiras da experiência do sensível. Por esse motivo, Schopenhauer (MVR, Livro I, §16, 102) afirma que, “em qualquer lugar onde a conduta é conduzida pela faculdade racional, os motivos são conceitos abstratos, e o determinante não são representações intuitivas, particulares, nem a impressão do momento que conduz o animal: aí se mostra a RAZÃO PRÁTICA”. Para o filósofo (MVR, Livro I §26, 161-162), a Razão necessita encontrar a dimensão do *sentimento* (*Gefühl*) de cujo âmbito os conceitos abstratos encontram-se de fora. O sentimento (*Gefühl*) são as modificações da consciência que ocorrem mediante a sensação (*Empfindung*), as afecções corpóreas, ou seja, as impressões que o mundo exterior provoca no nosso corpo. Apenas mediante esse jogo, a metafísica faz emergir a vontade, que precede a gerência racional, está externo à Razão. Não conhece espaço ou tempo, não possui sentido, lógica ou finalidade. Quer-se a si, ou seja, a existência. Essa vontade é a vontade de seguir vivendo, de existir, de sobreviver.

Sob esta perspectiva, Schopenhauer critica a Razão kantiana enquanto faculdade para conduzir a ação das pessoas, mediante a qual a ética kantiana é fundamentada, questionando a capacidade da Razão para dirigir os indivíduos no âmbito prático. Para Schopenhauer, o sujeito humano leva duas vidas paralelas, uma dimensão concreta e outra abstrata. Na primeira, encontra-se à mercê da realidade

que o atinge e que pode, inclusive, colocar a própria existência em risco, sofrendo as influências do presente e tendo que viver e morrer como qualquer outro organismo vivo; na segunda, a dimensão abstrata nada mais é do que o reflexo da percepção da vida concreta, tornando o sujeito um mero observador, passivo daquilo que, na realidade exterior, movimenta-o. Para o filósofo, a Razão age sempre levando em consideração a vontade, a Razão prática manifesta um impulso da vontade mediato:

A partir dessa dupla vida provém aquela serenidade do homem, tão diferente da ausência de pensamento do animal e com a qual alguém, depois de ponderação prévia, decisão calculada ou conhecida necessidade, suporta ou pratica com sangue frio aquilo que para si é da maior, amiúde da mais terrível, significação: o suicídio, a execução, o duelo, os empreendimentos arriscados de todo tipo e em geral as coisas contra as quais se insurge toda a sua natureza animal. Por aí se vê em que medida a razão domina a natureza animal e exclama ao forte: *σιδηρειον νυ τοι ητορ!* (femur certe tibi cor!) (II. 24, 5 2 I). Aqui de fato é possível dizer que a razão se exterioriza de maneira PRÁTICA. (SCHOPENHAUER, MVR, Livro I, §16, 102)

Em outras palavras, a ação moral e a ação virtuosa são duas coisas distintas, ou seja, a Razão pode estar atrelada ao Bem e ao Mal. Agir pela Razão não significa sempre agir da melhor forma, pela Bondade. Apenas significa que o auxílio da Razão é eficiente tanto para ações vis quanto para ações benfazejas. A Razão encontra-se preparada para agir metódica e eficientemente para propósitos nobres e para os mais abjetos.

A partir daqui, Schopenhauer inicia sua defesa da ética estoica. Para Reale (1997), os estoicos categorizaram as ações enquanto “ações retas” (moralmente perfeitas) e “ações convenientes” (deveres). A distinção entre ambas depende da intenção de quem pratica a ação, e não de uma natureza da ação, ou seja, a ação ser essencialmente boa ou ruim, pois uma ação tanto pode ser correta como pode também ser um dever. Nesse caso, Schopenhauer busca compreender de que forma a Razão prática pode agir na conduta humana:

O desenvolvimento perfeito da RAZÃO PRÁTICA, no verdadeiro e autêntico sentido do termo, o ápice a que o homem pode chegar mediante o simples uso da razão, com o que a sua diferença do animal se mostra da maneira mais nítida, foi exposto, enquanto ideal, na SABEDORIA ESTÓICA. Pois a ética estoica não é originária e essencialmente uma doutrina da virtude, mas mera instrução para uma vida racional, cujo fim e objetivo é a felicidade mediante a tranqüilidade de ânimo. (SCHOPENHAUER, MVR, livro I, §16, 103)

Schopenhauer defende que a ética estoica, que estava voltada a felicidade e não para a virtude, diferencia-se de todos os sistemas éticos que são irrevogavelmente voltados para a virtude e que esta noção de felicidade estoica é encontrada apenas na paz interior e na tranquilidade espiritual. Se o objetivo, o fim, da ação moral for colocado em segundo plano em prol dos meios, e a virtude for recomendada enquanto meta única que não a felicidade, pois esta seria contrária àquela, para Schopenhauer o sistema seria incoerente com aquilo que é imediato ao próprio indivíduo, violaria a natureza.

Para a ética estoica, a virtude deve ser um meio para a felicidade, e não a meta a qual devemos chegar. Schopenhauer argumenta que, de acordo com o Estoicismo, seria absurda a ideia de que a Razão, a maior prerrogativa do sujeito humano, aquilo que o diferencia das outras espécies, e que a organização do mundo exterior à

consciência humana a fim de aliviar o fardo através de ações planejadas que possibilitam a sobrevivência, não seja capaz também de eliminar os sofrimentos e tormentos que preenchem a existência.

Para o filósofo, em sua defesa da ética estoica, é incompatível com a Razão que, ao sermos dotados dela, e sendo capazes de, através dela, termos contato com uma infinidade de coisas, de conhecimentos e estados, tenhamos que ser passíveis em relação à nossa existência mais imediata e às circunstâncias que se colocam para cada indivíduo a fim de que ele possa conviver com elas e sobreviver. Ou seja, para Schopenhauer, é impensável que tenhamos que abrir mão da Razão para alcançar a felicidade a fim valorizarmos somente o meio pelo qual agimos no mundo. Não podemos abrir mão da finalidade da existência, a felicidade, com o intuito de centrar na virtude *per si*. Nesse sentido, Schopenhauer afirma que a ética estoica, ao pensar desse modo, tinha por finalidade a elevação do sujeito humano por sobre os tormentos que são próprios da vida, tornando-o insuscetível. Sendo assim, o filósofo chega à seguinte conclusão sobre o Estoicismo:

Perceberam que a privação e o sofrimento não se originam imediata e necessariamente de não-ter, mas antes de querer-ter e não ter. Portanto, esse querer-ter é a condição necessária pela qual exclusivamente o não-ter se torna privação e provoca dor. [...] Reconheceram, ainda, por experiência, que é a esperança, a expectativa, o que atíça e alimenta o desejo. Conseqüentemente, nem os muitos e inevitáveis males comuns a todos, nem os bens inalcançáveis são aquilo que inquieta e atormenta; mas só o algo de mais ou de menos insignificante daquilo que se pode alcançar ou evitar. (SCHOPENHAUER, MVR, Livro I, §16, 104).

Nesse sentido, os estoicos permanecem calmos e serenos não apenas diante do absolutamente, mas também do relativamente inalcançável. Ou seja, os males que lhes advém às existências, ou os bens que necessariamente lhe são negados, são considerados com indiferença. Como consequência dessa peculiaridade, cada desejo rapidamente se extingue. Sendo assim, essa aparente indiferença em relação ao desejo não permite que ele possa provocar mais dor, já que nenhuma esperança o alimenta.

Nessa perspectiva, a felicidade baseia-se na proporção existente entre nossas aspirações e as nossas expectativas para realizá-las; entre o que desejamos e o poder que temos para alcançar a realização desse desejo. Schopenhauer salienta que:

É difícil, senão impossível, determinar os limites dos nossos desejos razoáveis em relação à posse. Pois o contentamento de cada pessoa, a esse respeito, não repousa numa quantidade absoluta, mas meramente relativa, a saber, na relação entre as suas pretensões e a sua posse. (SCHOPENHAUER, Aforismos, 2002, Cap. III, p.49)

Para o filósofo, fazendo eco à ética estoica, quando um sujeito nunca alimentou aspirações em relação à posse de determinados bens, de modo algum a ausência lhe provocará sofrimento. Enquanto outro indivíduo, que já teve a sensação da posse, sentir-se-á infeliz quando este bem lhe faltar. Para este motivo, Schopenhauer salienta que cada pessoa terá um horizonte de expectativa do que pode realmente alcançar e suas pretensões não podem ultrapassar essa fronteira, pois quando alguma coisa põe-se fora dos limites desse horizonte, o sujeito sente-se infeliz, sofre pelas dificuldades que o privam daquilo que, para ele, uma vez estando de posse, lhe traria a felicidade.

[...] todo sofrimento propriamente dito provém da desproporção entre o que por nós é exigido e aquilo que nos é dado. Desproporção esta, entretanto, que manifestamente só se encontra no conhecimento e poderia ser inteiramente eliminada por uma melhor inteligência (SCHOPENHAUER, MVR, Livro I, §16, 105).

Crisipo, em *Dos Fins*, afirma que “a su vez, lo mismo es vivir según la virtud que vivir según la experiencia (*empeiría*) de lo que sucede por naturaliza (apud LAÉRCIO, VII, §87-89). Quando sentimos felicidade levando em consideração a obtenção de satisfação no mundo exterior a nós, a nossa pretensão em desejar sofre uma dilatação, enquanto o mecanismo que serviria para controlar esse querer, recua. Porém, tal felicidade externa, ou seja, que depende do mundo, é relativa e temporária, e só permanece enquanto durar a posse daquele bem que nos provoca satisfação. Queremos possuir alguma coisa, nos tornamos felizes quando possuíamos, mas em seguida advém uma indiferença correspondente à posse dela. É como se a felicidade humana estivesse relacionada apenas ao esforço de ter, e uma vez tido, exaure-se em si mesmo. A fonte do descontentamento humano reside na sempre renovada elevação dos fatores de nossas pretensões. Os desejos humanos são inconstantes e múltiplos e é ilusão pensar que eles poderiam ser satisfeitos plena e totalmente pela realização de um deles.

Poderíamos extrair aqui uma ideia errônea de um possível ato de renúncia. Em outras palavras, a fim de que eu possa libertar-me da necessidade de desejar algo externo a mim mesmo com o propósito de obter felicidade, eu devo, pois, renunciar a tudo aquilo que se encontra fora de mim. No Estoicismo, e também em Schopenhauer, não reside uma ideia de renúncia, mas de alcançar uma determinada maneira de ser em que não sejamos bombardeados por sentimentos de sofrimento, tédio e desejo caso nossas necessidades não básicas não sejam realizadas. Epicteto assim diz:

A descrição acima envolve o desejo de alcançar aquele nível superior de liberdade que é a chave para a felicidade. Porém, para isso será necessário passar por um verdadeiro ascetismo: a renúncia total de certas coisas, a renúncia temporária de outras. O discernimento do que depende de nós e do que não depende de nós não consiste exatamente em um discernimento teórico, mas envolve toda a vida; a questão é escolher entre a pureza de uma vida moral, liberdade, serenidade espiritual e invulnerabilidade, por um lado, e o tormento sem fim dos desejos e ansiedades associados às ações, por outro. Portanto, a obtenção de um cargo, riqueza e honra não deve ser definida como um objetivo vital. Se você acredita que pode aspirar tanto ao que depende de nós quanto ao que não depende de nós, você não alcançará nem uma coisa nem outra.” (Tradução nossa)⁵ (EPICTETO, IV, §1,4, pp.101-102)

⁵“La descripción anterior conlleva el deseo de alcanzar ese nivel superior de libertad que constituye la clave de la felicidad. Sin embargo, para alcanzarlo será preciso pasar por una verdadera ascesis: la renuncia total a ciertas cosas, la renuncia temporal a otras. El discernimiento de lo que depende de nosotros y lo que no depende de nosotros no consiste exactamente en un discernimiento teórico, sino que compromete la totalidad de la vida; de lo que se trata es de elegir entre la pureza de una vida moral, la libertad, la serenidad espiritual y la invulnerabilidad, por una parte, y el tormento inacabable de los deseos e inquietudes asociados con los actos, por la otra. Por lo tanto, no habrá de trazarse como objetivo vital la obtención de cargos, riquezas y honores. Si uno cree que puede aspirar a la vez a lo que depende de nosotros y a lo que no depende de nosotros, no conseguirá ni una cosa ni otra.”

O sábio será, tal como desenhado por Crisipo e defendido pela tradição estoica, austero (frs.218-219), autossuficiente (fr. 153), virtuoso, prudente, valoroso, justo (frs.42-45, 88-104), honesto (frs.147-149), livre (fr. 160) e, portanto, feliz (fr.44). Por isso, o sábio é semelhante aos deuses (fr.44). Segundo afirma Schopenhauer, a Razão, na ética estoica, serviria para minimizar ou eliminar tais sofrimentos trazidos pela discrepância entre as minhas pretensões e as possibilidades em realizá-las. Por essa razão, a ética estoica é uma espécie de *eudaimonia*.

A Razão estoica, enquanto prerrogativa dos humanos, permitiria o alcance desse estado de espírito em que a *ataraxia*, ou seja, uma certa apatia estabelecer-se-ia. Uma tranquilidade, a serenidade, ou jovialidade do ânimo, estaria presente. Não significando, contudo, uma renúncia ao mundo, mas uma maneira de conviver harmoniosamente com aquilo que o mundo pode me dar e aquilo que eu posso obter dele. A Razão é um meio para se alcançar uma independência daquilo que não constitui a necessidade básica do sujeito humano: a fome, a sede, o sono, o sexo. E até mesmo destas, haja vista que, para aplacar a fome, eu preciso de determinados alimentos que possibilitem a força e a manutenção do meu corpo. Não é qualquer alimento! Desejar a comida e a bebida apenas para satisfação de um desejo que não está ligado à saúde do corpo, também é visto como fonte de sofrimento caso não possa ser realizado.

Schopenhauer salienta que o Estoicismo pode ser visto enquanto uma filosofia dietética, pois promove a saúde e o fortalecimento do corpo, mediante uma equilibrada e saudável alimentação, bem como da mente através do equilíbrio e da serenidade diante das intempéries, medos, sofrimentos, etc. Por esta razão, Schopenhauer afirma nos *Aforismos*, que tudo o que verdadeiramente precisamos para sermos felizes encontra-se no que somos, dentro de nós, em nosso caráter, pois nossa individualidade pincela nossas vivências.

Nesse sentido, o filósofo alemão dirá, assim como o Estoicismo, que “o prudente aspira não ao prazer, mas à ausência de dor” (SCHOPENHAUER, *Aforismos*, Cap. V, p.140). Ainda temos que:

Toda satisfação, ou aquilo que comumente se chama felicidade, é própria e essencialmente falando apenas NEGATIVA, jamais positiva. Não se trata de um contentamento que chega a nós originariamente, por si mesmo, mas sempre tem de ser a satisfação de um desejo; pois o desejo, isto é, a carência, é a condição prévia de todo prazer. Com a satisfação, entretanto, finda o desejo, por conseqüência o prazer. Eis por que a satisfação ou o contentamento nada é senão a liberação de uma dor, de uma necessidade, pois a esta pertence não apenas cada sofrimento real, manifesto, mas também cada desejo, cuja inoportunidade perturba nossa paz, sim, até mesmo o mortífero tédio que torna a nossa existência um fardo. (SCHOPENHAUER, MVR, Livro I, §58, 377)

Nesse sentido, entendemos a máxima de Schopenhauer quando afirma que o sujeito deve bastar-se a si próprio, preocupando-se apenas com aquilo que está ao seu alcance. O que há de mais importante para que o sujeito possa desfrutar de uma vida feliz é aquilo que traz em si próprio, aquilo que são seus bens interiores. Por isso, os indivíduos deveriam buscar manter e desenvolver tais dons, ao invés de buscar bens materiais, cuja satisfação faz efeito negativamente, pois é de curta duração; ou de procurar satisfazer a opinião alheia, querer viver naquilo que os outros têm como minha representação, ao invés de vivenciar esse ser imediato que sou.

Desse modo, o estoico almeja a *ataraxia*, um estado de calma e serenidade interiores, por mais turbulento que seja o mundo exterior. Schopenhauer acredita que

suas observações sobre a inevitabilidade do sofrimento podem ajudar a atingir esse objetivo se tomadas como convicções. A dor e o sofrimento incomodam ainda mais se pensarmos que são acidentais e que poderiam ter sido evitados. Embora possa ser verdade para qualquer sofrimento particular que poderia ter sido evitado, o sofrimento em geral é inevitável e universal. Se conseguirmos levar isso em consideração, pensa Schopenhauer, podemos nos preocupar menos em enfrentar o sofrimento, ou pelo menos nos preocupar com ele da mesma forma que nos preocupamos com outras coisas que não podemos evitar, como a velhice e morte.

A última coisa que devemos fazer é acreditar no contrário, ou seja, que estamos destinados a encontrar a felicidade na vida em vez de enfrentar o sofrimento. Se acreditarmos que o mundo nos deve felicidade, estaremos fadados a ficar profundamente desapontados, até porque, quando conseguirmos tudo que pensamos que nos fará felizes, teremos novos desejos não realizados que substituirão os antigos.

Também estamos fadados a sentir ressentimento em relação aos obstáculos que se colocam entre nós e a felicidade a que julgamos ter direito. Algumas pessoas, observa Schopenhauer, concentram e externalizam esse ressentimento estabelecendo uma meta para uma vida feliz que, em algum nível, sabem que é inatingível. Então, quando isso nunca se materializa, os indivíduos sempre têm algo além de si mesmos para apontar e culpar por não serem felizes.

Schopenhauer sente afinidade com a maneira estoica de pensar, embora não concorde com o estoicismo em todas as questões. Na verdade, poderíamos dizer que ele rejeita a premissa básica comum a todas as antigas escolas gregas, qual seja, uma vida feliz não seria possível porque toda vida é sofrimento. Conceber sistemas de moral para atuar como um guia para uma vida feliz seria uma missão tola. O fim lógico do estoicismo concebe a meta da felicidade como a tarefa de eliminar a dor. Se concordamos com Schopenhauer e toda a vida for sofrimento, então a única maneira de realmente eliminar o sofrimento é eliminando a própria vida. O fim último do estoicismo, então, seria o suicídio?

Poderíamos dizer que Schopenhauer recupera a necessidade, não somente estoica, mas presente em todas as filosofias helenísticas, de se pensar uma maneira prática de viver e estar no mundo através da qual fosse possível alcançar uma felicidade, um estado em que pudéssemos disfrutar de uma serenidade perante as nossas necessidades ilusórias, ou seja, segundo Schopenhauer, não fisiológicas. Um modo de ser e estar em que aprendêssemos a lidar com as frustrações de termos nossas necessidades não satisfeitas sem nos sentirmos perturbados e atormentados com isso.

Ao contrário do Estoicismo, que não fala de uma ideia de renúncia ao querer, mas antes acredita que o desejo pode ser racionalmente controlado porque nos vem de fora para dentro, Schopenhauer vê o desejo enquanto intrínseco à própria condição humana de estar no mundo. O ser desejoso faz parte de nossa humana natureza e não somos capazes de controlar o ato de desejar porque é o que somos, portanto não pode ser racionalmente controlado e suprimido. Nesse caso, Schopenhauer também se distancia do Estoicismo ao pregar uma renúncia da vontade, do desejo, ao querer, pois, para o filósofo:

Querer e esforçar-se são sua única essência, comparável a uma sede insaciável. A base de todo querer, entretanto, é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual conseqüentemente o homem está destinado originalmente pelo seu ser. Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu

ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável. Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio, as quais em realidade são seus componentes básicos. Isso também foi expresso de maneira bastante singular quando se disse que, após o homem ter posto todo sofrimento e tormento no Inferno, nada restou para o Céu senão o tédio. (SCHOPENHAUER, MVR, Livro I, §57, pp.401-402)

A capacidade humana de querer é ilimitada, mas nossas possibilidades de realizações dessas querências são limitadas por variadas razões. O desejo torna-se, para Schopenhauer, a motivação por trás das ações humanas, tanto para ações benévolas, como também para as mais violentas e cruéis com a finalidade de realizar as intenções egóicas. E esse egoísmo é visto pelo filósofo como um empecilho para o sentimento de *compaixão*, sobre o qual não dissertamos aqui, mas que é o sentimento que permite ao indivíduo ver-se em comunhão com o outro e com o todo. Para que o sentimento de *compaixão* floresça faz-se necessário que o desejo egoísta se esgote. É necessário renunciar à vontade:

Tal homem que, após muitas lutas amargas contra a própria natureza, finalmente a ultrapassou por inteiro, subsiste somente como puro ser cognoscente, espelho límpido do mundo. Nada mais o pode angustiar ou excitar, pois ele cortou todos os milhares de laços volitivos que o amarravam ao mundo, e que nos jogam daqui para acolá, em constante dor, nas mãos da cobiça, do medo, da inveja, da cólera. (SCHOPENHAUER, MVR, Livro I, §68, p.495).

Para o pensador, o sujeito precisa tornar-se independente da ordem sensível. Schopenhauer oferece uma imagem diferente de uma vida feliz, que não é felicidade total. Embora o sofrimento não possa ser totalmente excluído da vida, ele pode ser reduzido garantindo que nenhum tipo de sofrimento continue por muito tempo. Voltando à imagem do pêndulo de Schopenhauer, uma vida feliz incluiria sucesso suficiente na satisfação de nossos desejos para que nunca soframos muito, mas também falha suficiente para garantir que nunca fiquemos entediados. Seria como um jogo de passagem constante do desejo à satisfação e desta para um novo desejo, um jogo cujo curso rápido se chama felicidade e curso lento se chama sofrimento. Mas essa vida semi-satisfeita seria o melhor que podemos esperar no que diz respeito à felicidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, buscamos relacionar a filosofia de Arthur Schopenhauer com a influência da filosofia helenista, mais especificamente o Estoicismo dito primitivo. Como podemos perceber, para Schopenhauer, um olhar para o mundo ao nosso redor refuta a tese definidora do otimismo de que o nosso mundo é o melhor de todos os mundos possíveis. Ao contrário, afirma Schopenhauer em MVR, se nosso mundo é ordenado de alguma forma, ele é ordenado para maximizar a dor e o sofrimento. Ele dá o exemplo de animais predadores que não podem deixar de devorar outros animais para sobreviver e assim se tornar a sepultura viva de milhares de outros seres.

Segundo o próprio filósofo, no parágrafo §58 de MVR, a satisfação e a felicidade são sempre negativa, já que o gatilho para o que é comumente chamado

de estado de felicidade advém sempre da satisfação de um desejo. E o desejo, em si mesmo, é uma carência, algo que nos falta e que precisa ser preenchido. E o desejo é a condição prévia de todo prazer, mas um prazer que não dura, pois logo que é satisfeito, esvazia-se, torna-se tédio, até que um novo desejo ocupe o lugar daquele que, um dia, existiu. Por essa razão, Schopenhauer considerava que a satisfação de um desejo era a liberação de uma dor, do sofrimento existencial. E assim como o Estoicismo, Schopenhauer considera o ato de desejar como um tormento para o espírito, criando um círculo vicioso de desejo, satisfação, felicidade, tédio, sofrimento.

Essa observação apoia as afirmações pessimistas de Schopenhauer de que a vida não vale a pena ser vivida e o mundo não deveria existir. Nunca nos é dada com antecedência a escolha de existir ou não, mas, se nos fosse dada tal opção, seria irracional escolher existir em um mundo onde não podemos lucrar com a vida, mas apenas perder.

Mas existia um lugar para a felicidade em tudo isso? Certamente deveria haver. Não se pode ignorar que a felicidade existe; muitas pessoas experimentaram a felicidade por si mesmas e a viram nos outros. Mas, uma vez que Schopenhauer (MVR) admite que a felicidade existe, há o risco de que seu pessimismo comece a se desfazer. Mesmo que seja verdade que todos os seres vivos devem passar por sofrimento, esse sofrimento pode ser compensado por encontrar alguma felicidade também. Algum sofrimento pode ser o meio para uma felicidade digna de se ter ou mesmo uma parte dessa felicidade.

Schopenhauer não nega que a felicidade exista, mas ele pensa que estamos geralmente enganados sobre o que é a felicidade. Segundo ele, a felicidade nada mais é do que ausência de dor e sofrimento. O momento de alívio sentido entre a realização de um desejo e a busca do próximo. Essa felicidade, Schopenhauer logo apontaria, tende a ser de curta duração, à medida que uma série de novas preocupações e estresses emergem.

Na compreensão das coisas de Schopenhauer, para sermos felizes, devemos ter como objetivo eliminar a dor e o sofrimento de nossas vidas e, para nos sentirmos felizes, devemos também refletir sobre sua ausência. Em busca de um sistema ético baseado em percepções semelhantes, Schopenhauer voltou-se não para os filósofos morais de sua época, mas, em vez disso, para as antigas escolas de pensamento gregas. De todas essas escolas, ele próprio sugere, suas opiniões sobre a felicidade têm a afinidade mais próxima com o estoicismo. Os filósofos estoicos identificaram uma vida feliz com uma existência indolor.

Como vimos, de acordo com Schopenhauer, os gregos concordavam em uma coisa: a tarefa da razão prática é descobrir o melhor tipo de vida e como pode ser alcançada. Os gregos equiparam essa tarefa a fornecer um guia para uma vida feliz. Eles se preocupavam apenas em saber como a virtude pode melhorar nossa vida terrena, e pouco pensavam sobre como ela poderia se relacionar com qualquer vida após a morte ou reino de outro mundo.

Pensar a felicidade para evitar o sofrimento é a visão que distingue o estoicismo de outras escolas. Ele identifica duas funções da razão prática que os estoicos usaram em sua busca por uma existência sem dor. Há a função indireta, por um lado, em que um planejamento cuidadoso e premeditação permitem ao estoico escolher e seguir o caminho menos doloroso da vida. Por outro lado, há a função direta, onde em vez de remover ou evitar obstáculos no caminho da vida, o estoico reconsidera esses obstáculos de uma forma que muda seus sentimentos em relação a eles.

A contribuição do estoicismo para a ética reside na natureza da mudança de pensamento que ele recomenda, de acordo com o que vimos a partir do que pensa

Schopenhauer. O estoico observa que sentimentos dolorosos de privação não decorrem imediata e necessariamente de não ter, mas sim de querer ter e ainda não ter. Torna-se óbvio que, para evitar totalmente esses sentimentos dolorosos, devemos eliminar a parte do desejo de ter.

Além disso, quanto maiores nossas ambições sobre o que queremos ter e maiores nossas esperanças de alcançá-los, maior será a dor quando fracassamos. Se não podemos deixar de querer algumas coisas, devemos pelo menos manter esses desejos dentro de proporções realistas e alcançáveis. Talvez caindo de volta em seu próprio pessimismo, Schopenhauer acrescenta, como vimos, que devemos suspeitar de nós mesmos se ficarmos na expectativa uma grande quantidade de felicidade ao esperar pelo futuro; quase certamente estamos sendo irrealistas, pois todo prazer é uma ilusão.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHEVITARESE, Leandro. **Schopenhauer e o Estoicismo**. Revista Etic@, vol. 11, n. 2, (2012), pp.161-172.

CRISIPO. **Testimonios y Fragmentos**. Traducción de F. Javier Campos Daroca y Mariano Nava Contreras. Madrid, Es: Editorial Gredos, 2006.

DIÓGENES Laércio. **Vidas e doutrinas de filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2.ed. Brasília: UnB, 1987.

EPICTETO. **Manual para la vida feliz**. Traducción de Javier Palacio Tauste. Madrid, Es: Errata Naturae, 2015.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. Vol. I. 3.ed. São Paulo: Paulus, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para uma sabedoria de vida**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tomo I. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

SELLARS, John. **Stoicism**. Durham, UK: Acumen, 2006.

AGRADECIMENTOS

Eu quero agradecer, primeira e principalmente, à professora Gilmara Coutinho Pereira, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação; pela paciência com as minhas loucuras; por sua amizade, tão cara para mim, sempre procurando me ajudar, dentro e fora da academia. Agradeço pela

cumplicidade, pelas conversas descontraídas, pelas fofocas trocadas, pela troca de experiência, de alegrias e também problemas.

Agradeço à minha mãe, a professora Maria do Socorro Pereira de Almeida, que me aguenta há 34 anos; aos meus filhos, Arthur e Olga; à minha irmã mais nova, Alice.

Agradeço a todos os professores e professoras do curso de Licenciatura em Filosofia da UEPB, por suas amizades, seus conselhos, conhecimentos passados que muito vão contribuir para a minha formação como pessoa, primeiramente, e também como uma profissional da área da Filosofia.

Agradeço especialmente ao professor José Arlindo de Aguiar Filho, que sempre foi um grande amigo, auxiliando-me em muitos momentos do curso, sempre buscando ajudar, com tanta paciência e humor, sempre disponível, sempre solícito e sempre disposto a ajudar no que fosse necessário.

Agradeço também ao pessoal da coordenação, William e Deyse, que sempre atenderam às minhas necessidades e aos meus pedidos com paciência, com bom humor e com amizade principalmente.